

# GEOLINGÜÍSTICA E CONHECIMENTO DA SÓCIO-HISTÓRIA DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Vanderci de Andrade AGUILERA  
Universidade Estadual de Londrina/CNPq

**Resumo:** Este artigo busca, nos primeiros atlas publicados e nos últimos estudos geolingüísticos de quatro regiões distintas (Adrianópolis-PR, Litoral Sul Paulista, Ilha de Marajó-PA e Ponta Porã - MS), a comprovação da importância dos atlas lingüísticos para auxiliar na compreensão da sócio-história do português brasileiro.

**Palavras-chave:** português brasileiro, atlas lingüísticos, variação lexical.

**Abstract:** This article searches, in first published linguistic atlases and in the latest geolinguistic studies in four distinct regions (Adrianópolis-PR, Litoral Sul Paulista, Ilha de Marajó-PA e Ponta Porã - MS), to check the importance of linguistic atlases for assisting in understanding the socio-history of Brazilian Portuguese.

**Key words:** Brazilian Portuguese, linguistic atlases, lexical variation.

**Resumen:** Este artículo realiza una búsqueda, en los primeros atlas lingüísticos y en los últimos estudios geolingüísticos desarrollados en cuatro regiones brasileñas distintas (Adrianópolis-PR, Litoral Sul Paulista, Ilha de Marajó-PA e Ponta Porã - MS), con el fin de comprobar la importancia de los atlas lingüísticos en lo que se refiere a su aportación para la comprensión de la historia social del portugués brasileño.

**Palabras-clave:** portugués brasileño, atlas lingüístico, variación léxica.

## Introdução

A geolingüística, apesar dos ingentes esforços de estudiosos da linguagem do Brasil, como Nascentes (1958 e 1961) e Silva Neto (1957), começou em nosso país timidamente, em 1963, com um único atlas publicado - o Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, 1963) APFB -, isto é, atlas de um estado dentre os vinte estados brasileiros existentes à época. Sua caminhada também se fez a passos lentos por quase quarenta anos. No apagar das luzes do segundo milênio e

princípios do terceiro, passa a viver um período de grande euforia, haja vista que, a cada ano, desde 1996 com a Carta da Bahia, em que um grupo de pesquisadores propôs a elaboração de um Atlas Lingüístico do Brasil, pontilham novos atlas<sup>1</sup> ou projetos deles no cenário das pesquisas sobre a distribuição espacial, ou diatópica. Cito, a título de exemplo, o Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul – ALMS - em fase de conclusão, e os projetos dos atlas do Maranhão – ALIMA-, do Rio Grande do Norte – ALIRN-, do Mato Grosso - ALIMAT-, do Espírito Santo – ALES, dois projetos para o Rio de Janeiro e a mais recente boa nova, o projeto do Atlas Lingüístico de Rondônia, o ALIRO, de Teles (2006).

Dentre esses novos atlas de maior abrangência geográfica – os que recobrem um estado ou uma região, como o Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul - ALERS e o Atlas Lingüístico Sonoro do Pará - ALiSPA, publicados em 2002, e o Atlas Lingüístico de Sergipe II - ALS II - publicado em 2005, juntamente com o Atlas Lingüístico do Amazonas – ALAM - tese defendida nesse mesmo ano, emergem diversos outros atlas, frutos de teses e de dissertações, que recobrem extensões territoriais menores, como o Atlas Lingüístico da Ilha de Santa Catarina (IMAGUIRE: 1999), Atlas Lingüístico de Adrianópolis (ALTINO, 2002), Atlas Lingüístico da Ilha de Marajó (CARDOSO SILVA: 2002), Atlas Lingüístico do Litoral Paulista (IMAGUIRE: 2003), e o Atlas Lingüístico do município de Ponta Porã – MS (REIS: 2006). Sobre algumas cartas desses quatro últimos é que este trabalho trata, tomando-se como referência teórica as considerações de Coseriu (1987).

Para início, é sempre bom lembrar o que são os atlas lingüísticos e que aspectos possibilitam explorar, que documento, na seqüência, com os registros de atlas publicados até 1994, no caso, os cinco primeiros: APFB, EALMG, ALP, ALS e ALPR.

## **1 Atlas lingüísticos: o que são e para que servem**

Numa definição simplista pode-se dizer que os atlas são uma coletânea de mapas de um dado território sobre os quais se registra

---

<sup>1</sup> Informações mais completas sobre a geolingüística no Brasil encontram-se em: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.) *A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer* (2005).

graficamente a distribuição de determinados fenômenos léxicos, fonéticos, morfológicos, sintáticos, entre outros. Coseriu, porém, os conceitua como sendo,

*essencialmente uma coleção de material, dado que permitem comprovar a própria existência duma forma, fato que se considera particularmente importante se se trata da persistência duma forma antiga, substituída por formas mais recentes na maioria dos falares investigados. Quer dizer, o atlas lingüístico constitui, em primeiro lugar, um valioso inventário de formas.* (COSERIU, 1987, p. 93)

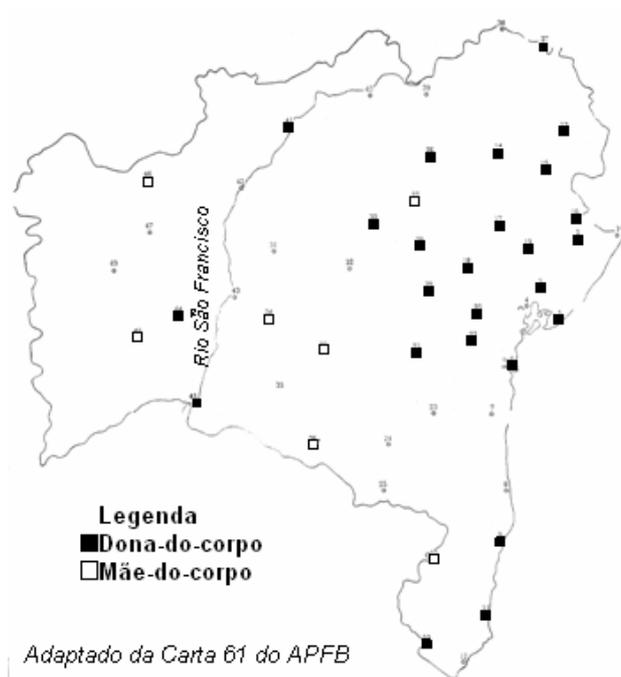
Para ratificar a assertiva de Coseriu, e consultando algumas cartas dos cinco primeiros atlas publicados, verifica-se que determinados registros revelam variantes léxicas populares em processo de arcaização, introduzidas nos primeiros anos do contato do europeu com os grupos indígenas e africanos. A título de ilustração, para arco-íris constam, entre outras, *arco-da-velha*, presentes no APFB, no EALMG, no ALS e no ALPR; *olbo-de-boi* no APFB, ALS e ALPB. No nível fonético-fonológico, são fartos os exemplos, nesses atlas, de formas não mais existentes na fala urbana padrão, como as formas nasalizadas [lũa, lũa] por lua, ou desnasalizadas e/ou dissimiladas, como *lebrina*, *lubrina* por neblina; ou reduzidas, como *grana*, *landra* por glândula.

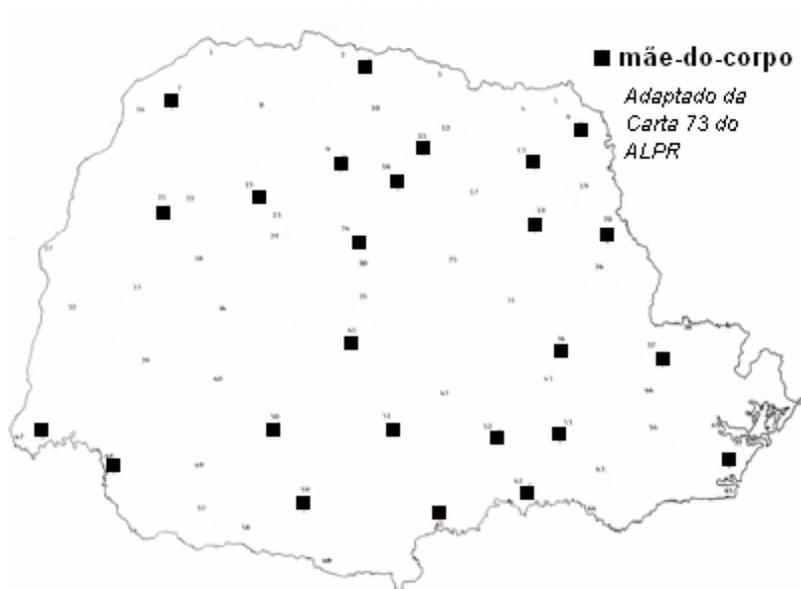
Esses exemplos lembram Silva Neto (1970, p. 593) quando assevera:

*O Brasil ainda hoje representa um conjunto de duas épocas estratificadas. No “sertão” encontraremos um quadro arqueológico da nossa civilização colonial no que diz respeito a raça, economia, costumes, folclore, mística. Não será muito exagerado dizer que em algumas regiões achamos os séculos XVII e XVIII.*

Na esteira do pensamento de Coseriu (1987, p. 94) - *se se podem constituir séries de muitos casos análogos, os atlas permitem, antes de mais nada, induções de índole histórica a respeito do caráter “conservador” ou “inovador” dum dialeto.* A recorrência dos fatos lexicais e fonéticos apresentados acima e extraídos de atlas que, na maioria dos casos, se pautaram na fala rural, deixa evidente o caráter conservador do dialeto rural em suas diversas modalidades pelas várias regiões brasileiras.

Outra função dos atlas, discutida pelo lingüista romeno, é a possibilidade de fazer *induições também de caráter geral: por exemplo, que as formas ou fases mais antigas se conservam com mais freqüência em zonas isoladas, longe das grandes vias de comunicação* (COSERIU, 1987, p. 94). Ilustro com a variante *mãe-do-corpo* para útero que sobrevive apenas nos pontos 10, 34, 36, 46 e 48, localizados nas partes sul, sudeste e sudoeste da Bahia, distantes da capital, mas próximos da divisa com Minas Gerais. A variante *mãe do corpo* não representa qualquer ameaça a *dona-do-corpo*, forma hegemônica em quase todas as regiões baianas rurais.



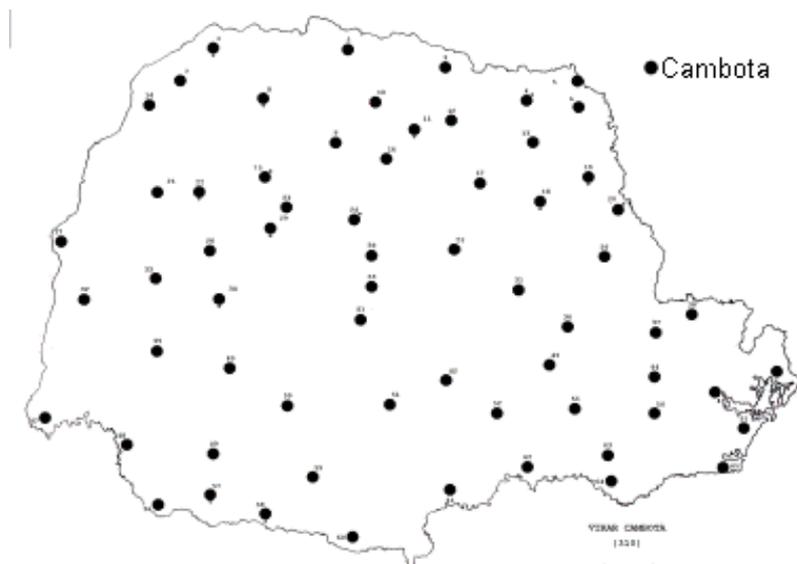


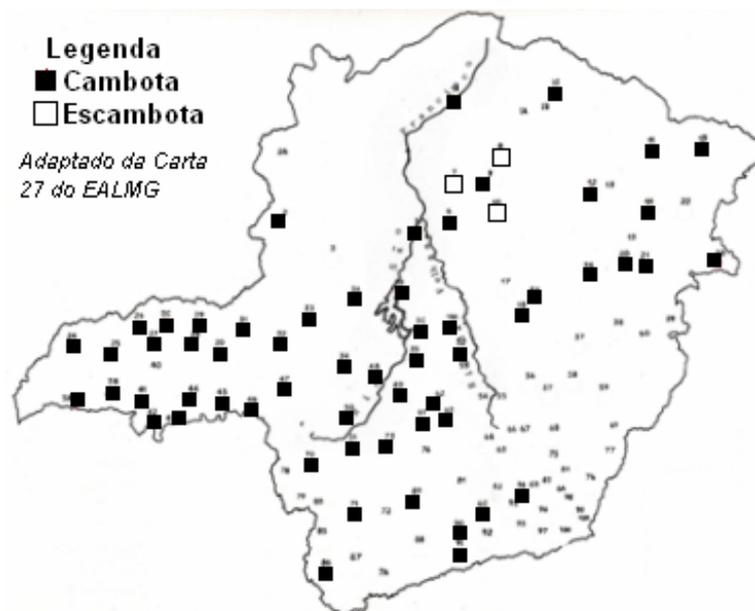
Coseriu salienta outras possíveis reflexões sobre as funções dos atlas quando se refere às inovações na língua. Neste aspecto, podem-se levantar hipóteses de base histórica e geográfica, tais como:

*a partir de que centro se difundiu uma inovação (por exemplo, duma cidade importante, de particular prestígio cultural e político) e até onde chegou ela; quais são os seus limites, os obstáculos que detiveram a sua difusão; quais foram, em geral, os centros inovadores num território e quais as resistências às inovações. [...] Em segundo lugar, induções de índole geral: as inovações se difundem ao longo das grandes vias de comunicação, seguindo, por exemplo o vale dos rios e amiúde passam duma cidade a outra sem conquistar as zonas intermediárias. (COSERIU, 1987, p. 95)*

A propósito de induções históricas a partir da distribuição diatópica de algumas variantes, Aguilera (2005) analisou uma série de variantes léxicas do campo dos brinquedos e brincadeiras infantis e concluiu que esse campo léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis

cartografados nos sete atlas estaduais delinea-se como um *corpus* bastante produtivo que permite associar a linguagem de transmissão oral aos movimentos sociais e, assim, comprovar: (i) a importância dos bandeirantes e garimpeiros paulistas na disseminação da modalidade oral da língua portuguesa falada nos primeiros séculos da história do povoamento. Documentamos com a trajetória de algumas variantes léxicas como *cambota* (cambalhota) registrada no interior de Minas Gerais e da Bahia ao longo do rio São Francisco e pelas regiões de mineração;





(ii) a presença de variantes mais antigas, como *bodoque*, *funda*, *besta* e *seta*, para o brinquedo de atirar pedra, feito de forquilha, borracha e couro, as quais, no decorrer de sua história, e devido a condicionantes histórico-culturais, perderam alguns semas originais e receberam outros ao nomear referentes distintos, às vezes até com traços semânticos diferenciados. No caso de *bodoque*, por exemplo, citado por Isquerdo (2005), alguns traços foram mantidos: objeto de arremessar à distância, bola, arma. Esse processo de alteração semântica, observado com relação ao item lexical *bodoque*, é destacado por Mario Alinei, semanticista italiano e pesquisador do *Atlas Linguarum Europae – ALE*, que defende a tese de que a nomeação de um novo referente é sempre resultado de um conjunto ordenado de traços (Alinei, 1984). Igualmente, *seta* manteve os semas arma, arremessar à distância, impulsão por um artefato de madeira e material elástico, em que o arco é substituído por um artefato sob a forma de uma forquilha; (iii) a expansão de lexias de outros campos léxicos como *salto/pulo mortal* (atividade física ou circense), *pirueta* (aviação) inserindo-se na fala dos seis estados analisados, num mundo cada vez mais globalizado; (iv) a presença de variantes inovadoras, formando áreas de isoléxicas, como *estilingue*, *pipa* e

*cambalhota*, resultantes da influência que os grandes centros urbanos exercem sobre o interior e sobre outras regiões; (v) a tese de Nascentes (1953) de que a Bahia se coloca como um divisor entre os falares do Norte e do Sul, como nas variantes essencialmente nortistas, como *canastra/ bunda canastra, escambona / maria-escambona* (cambalhota); *pira, manja* (brincadeira de correr para pegar); *baladeira / baleadeira*, (atiradeira), *peteca* (bolinha-de-gude e estilingue); *marraio* (bolinha-de-gude); e nas essencialmente sulistas como *pique, mãe, pega-pega, salva* (brincadeira de correr para pegar); *estilingue*, (atiradeira), *pandorga* (papagaio); (vi) a gradativa extinção ou restrição de espaço geográfico de variantes regionais como *boldando, coqueiro, capoeira* (cambalhota), *bila, china, bolinha-de-crica, fona/ bolinha-de-fona* (bolinha-de-gude); (vii) a existência de palavras polissêmicas, isto é, uma lexia denomina vários referentes: *peteca* que, em determinadas regiões do Brasil tanto nomeia o brinquedo feito originalmente de palha dobrada que se joga com a palma da mão; como a bolinha de vidro e o estilingue.

Em síntese, verifiquei que a expansão, a concentração, a intersecção e o desaparecimento de formas lingüísticas num dado espaço geográfico são condicionadas pela história social da região, pelas características étnicas da população e por condicionantes sócio-histórico-geográficos que determinam a forma de viver e de pensar de um grupo social. Neste caso, os dados demonstraram, como é notório, que as palavras não viajam sós, elas acompanham os homens em sua constante mobilização espacial, levados pela necessidade de buscar novos horizontes e novas experiências.

## **2 Atlas mais recentes e a aplicação dos dados geolingüísticos à história da movimentação do homem pelo espaço territorial.**

*Pelos caminhos da geolingüística paranaense: um estudo do léxico popular em Adrianópolis* (ALTINO, 2002), apresentado inicialmente como dissertação de mestrado, consta de 107 cartas lexicais, do tipo analítico-sintético. Um dos objetivos dessa pesquisa foi verificar, mediante a comparação dos dados coletados em 1987 e registrados por Aguilera (1994), as possíveis ocorrências de variações e de mudanças no vocabulário oral de falantes pouco escolarizados. A comparação das cartas comuns a ambos os atlas apontou para a manutenção das variantes registradas por Aguilera, principalmente no que se refere à resistência

de lexias: (i) de base tupi como *inconba* (bananas grudadas), *jojoca* (solução), *picumã* (fuligem); (ii) do português rural de caráter arcaizante, como *funil* (redemoinho); *queixal* (dente molar), *náfego* (manco), *fuzilo* (relâmpago), *arco-de-velho(a)* (arco-íris), *cuitelo* (beija-flor); *visagem* (aparição, fantasma), *farolete* (lanterna); (iii) regionais do sul paranaense, resultantes do contato com catarinenses e gaúchos, como *maçanilha* (camomila), *mimosa* (tangerina), *bainba* (vagem do feijão), *aipim* (mandioca). Algumas inovações se mostraram bastante significativas: a presença de *passarela*, para pinguela, resultante das soluções governamentais paliativas para resolver os estragos das enchentes do rio Ribeira que levavam corredeira abaixo a ponte construída precariamente e substituída, quase sempre, por uma passarela provisória; e a ocorrência de *bic* por isqueiro, usando a marca pelo produto, e *semáforo*, forma erudita, ao lado de *sinal* e *sinaleiro*.

O exame dessas cartas confirmou duas hipóteses: a da resistência lingüística a mudanças em localidades isoladas geograficamente e a inovação lexical condicionada a fatores do contexto social.

A tese *O Estudo semântico-lexical com vistas ao Atlas Lingüístico da mesorregião do Marajó/Pará* (SILVA, 2002) consta de 207 cartas do tipo analítico-sintético. Um dos objetivos da pesquisa era verificar, mediante a comparação de variantes sugeridas<sup>2</sup> nos *Questionários do ALiB – 2001*, os dados coletados por SILVA em cinco localidades da ilha paraense (Anajás, Melgaço, Breves, Chaves e Soure). A maioria das cartas traz, como formas predominantes no vocabulário da ilha, variantes lexicais e fonéticas regionais do Norte, como: *igarapé* (rio pequeno), *mangará* (ponta do cacho da banana), *macaxeira* (mandioca), *carapanã* (pernilongo), *turu* (bicho de pau podre), *tapuru* (bicho de fruta), *mucura* (gambá), *jacinta* (libélula) e *mucho* (mocho, boi sem chifre). As cartas apontam também a co-ocorrência de variantes do português médio, como *boca da noite*,

---

<sup>2</sup> Os Questionários do ALiB -2001, bem como as versões de 1998 e 2000, trazem na cabeça de cada pergunta do Questionário Fonético Fonológico – QFF – a única resposta aceitável para efeito de análise da distribuição espacial das variantes fonéticas de determinados sons selecionados para aquele contexto. Introduzindo as perguntas do Questionário Semântico-Lexical – QSL- traz sugestões – nada mais que sugestões – de possíveis variantes para o conceito buscado naquela questão.

*chuva de pedra, estrela cadente, estrela dalva*; outras do português popular rural, como *caminho de santiago, palma* (penca de banana), *imbigo* (ponta roxa do cacho da banana), *coiteiro* (trabalhador de enxada em roça alheia), *espinhaço* (lombo de animal), *cabelouro* (crina do animal), *rejeito* (calcanhar). Em alguns casos, formas de prestígio são introduzidas, mas revestidas de uma camada sonora especial como *covitiviti* (conjuntivite), *oxilas* (axilas), *catabrata, cacarata* (catarata).

A dissertação *Estudo com vistas a um Atlas Lingüístico da Ilha de Santa Catarina. Abordagem de aspectos semânticos lexicais* (IMAGUIRE, 1999) é constituído por 100 cartas lexicais, do tipo analítico-sintético e 10 do tipo sintético. Em sua pesquisa, a autora delimitou trinta e cinco localidades e aplicou um questionário baseado no do Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo – ALESP - (CARUSO, 1982). A maioria das cartas traz, como formas predominantes no vocabulário da ilha, variantes lexicais regionais do Sul, como: *lomba* (morro), *pevide* (semente), *cana-limão* (capim cidreira), *chinha* (baixeiro), *carocha* (besouro), *beleza* (costeleta), *funda* (estilingue), *pandorga* (papagaio de papel), *burra* (gangorra). As cartas apontam também a co-ocorrência de variantes do português médio, como *pipa* (papagaio de papel), *costeleta, miope, vesgo, sutiã, azia*; outras do português popular rural, como *cuitelinho, caminho de santiago, palma* (penca de banana), *imbigo* (ponta roxa do cacho da banana), *capenga* (coxo, que coxeia), *leicenço* (furúnculo), *baga-do-adão* (pomo-de-adão), *garrão* (calcanhar), *capela-do-olho* (pálpebras), *queixal* (dente molar). Em alguns casos, formas de prestígio ou urbanas são introduzidas, embora pouco produtivas, como *zorba, estilingue, gangorra, coriza, molares*.

Outra pesquisa geolingüística, recentemente defendida também sob a forma de dissertação de mestrado - o *Atlas Lingüístico do município de Ponta Porã – MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai* (REIS, 2006), investigação levada a efeito em oito pontos do interior do município, apresenta uma coletânea de 232 cartas, do tipo analítico-sintética. A autora destaca como objetivos (i) registrar a modalidade oral da língua portuguesa em sua variante sul-matogrossense; (ii) documentar possíveis mudanças lingüísticas na língua falada; (iii) registrar marcas de conservadorismo e de bilingüismo nas línguas em contato (português, espanhol e guarani) na fronteira. Considerando que Ponta Porã foi cenário da Guerra do Paraguai (1864-1870), reconhece a possibilidade de o fato ter gerado intensas trocas

culturais e lingüísticas nessa faixa do território dando-lhe, especialmente na língua falada, fisionomia própria, distinta de outras regiões do Mato Grosso do Sul. Como o questionário aplicado previa a indagação pelo nome em guarani e em espanhol, a maioria das cartas documenta variantes das três origens, como: *brejo, estero, karovu, karoguá, tuju* (terreno úmido); *círculo, anillo, akariju* (roda em volta da lua); *chuva de verão, chaparrón, ama* (chuva rápida); *chuva de pedra, lluvia de hielo, amandaú* (chuva de granizo); *mexerica, mandarina, aratipy* (tangerina); *cogumelo, bongo, pombero, yrupero, kamambanambi* (cogumelo). A autora conclui que

*A pesquisa documentou: (i) a forte influência do guarani, como língua nativa usual na fronteira, que suplantou o uso do espanhol, língua transplantada; (ii) o entrelaçamento do português com os idiomas da fronteira, gerando grande incidência de termos híbridos de base portuguesa, guarani e espanhola, como estrella guía (espanhol/português), arroyo yrembe'y (margem de rio espanhol / guarani), além de (iii) termos regionais e arcaísmos (ikoe, ikôm, mellizo, gêmeas (bananas grudadas em guarani/espanhol/português, respectivamente).*

## Conclusões

Parafraçando Oliveira (2001, p. 402), sabemos que em nenhum lugar a história estará pronta, à espera da mão do geolinguísta para colhê-la, mas que se faz necessário aprender modos de historicizar os conceitos que utilizamos, além de desenvolver modos de historicizar o nosso fazer disciplinar. Dessa forma, tomando dados lexicais de atlas de grande amplitude, no caso os estaduais, e os de menor abrangência, como os municipais (Adrianópolis, Florianópolis e Ponta Porã) e os de médio alcance como o da Ilha de Marajó - que, na realidade, ocupa um espaço territorial maior do que muitos estados brasileiros - é possível falar da história dos grupos humanos que povoaram e povoam as regiões estudadas. Neste trabalho foi possível elencar variantes léxicas (i) de línguas estrangeiras, como o espanhol, em contato com os falares locais; (ii) do português de épocas anteriores, de caráter mais rural e conservador; (iii) contribuições de línguas indígenas autóctones, como o guarani e o tupi; (iv) além das inovações

léxicas que se vão agregando ao tesouro vocabular de uma língua, testemunhando a presença do homem e os momentos históricos de cada comunidade e, assim, *incluindo a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não lingüísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural do presente e do passado da sociedade.* (BIDERMAN, 1992, p. 399).

### Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). *A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer.* Londrina: Eduel, 2005.

ALINEI, Mário. Le due strutture del significato. In: \_\_\_\_\_. *Lingua e dialetti: struttura, storia e geografia.* Bologna: Ed. Il Mulino, 1984. p. 13-21.

ALTINO, Fabiane Cristina. *Pelos caminhos da geolingüística paranaense: um estudo do léxico popular em Adrianópolis.* 2001. 218p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2v. (Versão em CD-Rom, 2006)

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *O léxico, testemunha de uma cultura.* Fundación “Pedro Barrié de La Maza, Conde de Fenosa”, A Coruña, 1992.

COSERIU, Eugênio. *O homem e sua linguagem.* 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987. (Coleção Linguagem, 16)

IMAGUIRE, Ligia Maria. *Estudo com vistas a um Atlas Lingüístico da Ilha de Santa Catarina.* 1999. 554f. Abordagem de aspectos semânticos lexicais. (Mestrado em Lingüística) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2v.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Designações para estilingue em atlas lingüísticos brasileiros: perspectivas diatópica e sócio- histórica. *Actes du XXIV<sup>e</sup> CILPR.* Aberystwyth, UK, 2005. (no prelo)

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil.* Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1961.

\_\_\_\_\_. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Matrizes da língua portuguesa no Brasil meridional: 1680-1830. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Para a história do português brasileiro* – vol. II: primeiros estudos, tomo II. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: FAPESP, 2001.

REIS, Regiane C. P. *Atlas Lingüístico do município de Ponta Porã-MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai*. 2006. 463f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas. 2v.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1963.

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da. *Estudo semântico-lexical com vistas ao Atlas Lingüístico da mesorregião do Marajó/Pará*. 2002. 455f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2v.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. 2. ed. Belém: CNPq / Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.